



A PERFORMANCE DE ELZA SOARES NO TRAJE DESENHADO PELA MARCA H_AL

The performance of Elza Soares in the drawing costume by the H_al brand

Desconci, Luana Karoliny; Mestranda; Universidade Tecnológica Federal do Paraná,
luanadesconci@gmail.com¹

Silveira, Luciana Martha; PhD; Universidade Tecnológica Federal do Paraná,
silveira.lucianam@gmail.com²

Corrêa, Ronaldo; PhD; Universidade Federal do Paraná, olivecorrea@yahoo.com.br³

Resumo: Este ensaio tem como objetivo identificar a dimensão dos significados no figurino do espetáculo *A Mulher do Fim do Mundo*, criado para Elza Soares por Alexandre Linhares e Thifany Faria, artistas da marca curitibana H_al. Antes, durante e depois do espetáculo tratamos o traje como elemento semântico no campo expressivo da performance e suas pistas como verdadeiras fontes históricas.

Palavras chave: Elza Soares; traje de cena; performance.

Abstract: This essay aims to identify the dimension of meanings in the costume of the spectacle *The Woman of the End of the World*, created for Elza Soares by Alexandre Linhares and Thifany Faria, artists of the brand H_al from Curitiba. Before, during and after the scene we treat the costume as a semantic element in the expressive field of performance and its clues as real historical sources.

Keywords: Elza Soares; costume; performance.

¹Possui graduação em Design pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2017) com período sanduíche no programa *Light Industry Engineering* na Universidade de Óbuda (2014-2015). Atualmente é mestranda na linha de pesquisa em Mediações e Culturas no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade na Universidade Tecnológica Federal do Paraná;

² Possui graduação em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (1989), Mestrado em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (1994), Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002) e Pós-Doutorado na Universidade de Michigan (2009-2010). Atualmente é professora do PPGTE na Universidade Tecnológica Federal do Paraná;

³ Doutor em Ciências Humanas (PPGICH-UFSC); atua na graduação em Design de Produto e no Pós-Graduação em Design na Universidade Federal do Paraná - UFPR e no Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade - PPGTE-UTFPR.



Introdução

Este ensaio tem como objetivo identificar a dimensão dos significados no figurino do espetáculo *A Mulher do Fim do Mundo*, criado para Elza Soares por Alexandre Linhares e Thifany Faria, artistas da marca curitibana H_al. Procuramos nas evidências materiais da peça as pistas que ela carrega, pois, para Rita Andrade (2006), essas pistas, presentes nas cores, materiais, nas decisões, erros e acertos feitos antes, durante e depois do espetáculo, quando analisadas de maneira minuciosa, podem ser verdadeiras fontes históricas, documentos valiosos dentro de uma metodologia de pesquisa. Fausto Viana (2015) também trata os figurinos como documentos, observando a importância desse vestígio do espetáculo desde sua concepção e criação na fase dos croquis, sua fabricação e utilização (e as soluções criativas das reutilizações) em cena, além do armazenamento e preservação das peças, elementos que servem para compreender o fenômeno da construção dos trajes e tratá-los como legítimos registros históricos. A esses autores soma-se ainda a perspectiva de Peter Stallybrass (2008), por onde será possível analisar os significados acionados e agenciados em uma determinada produção e, assim, perceber como a performance pode servir para se pensar uma série de relações para além da memória.

Antes de nos debruçarmos sobre o traje em questão, apresentaremos brevemente a trajetória dos artistas a fim de traçar uma narrativa coerente sobre a relação existente entre eles. Embasados em uma entrevista semiestruturada na qual pudemos acessar informações, fotografias e detalhes do traje, antes, durante e depois do espetáculo, procuramos saber quais significados a performance está refletindo e refratando nesse espetáculo lançado em 2015 que viajou o Brasil e o mundo até 2018, fazendo espectadores refletirem sobre cruéis desigualdades de uma sociedade que esconde sua violência machista, racista e homofóbica.

Uma análise acurada do traje, tratado como elemento semântico no campo expressivo da performance, antes, durante e depois do espetáculo, testemunhará as pistas marcadas, aqui tratadas como evidências da construção de significados.



A Marca H_al e a trajetória dos artistas

A H_al é uma marca curitibana que atua na linha tênue entre moda e artes plásticas produzindo peças sem data de validade, o que chamam de arte vestível. Essas peças são carregadas de uma expressão legítima e genuína, criações que valorizam a artesanaria além de exaltarem o processo conceitual do fabrico como um objeto de arte. Alexandre Linhares é designer de produto formado pela Universidade Federal do Paraná e especialista em Ecodesign pela Escola Design ao Vivo. Thifany Faria tem outra trajetória de pesquisa e formação, baseada na filosofia Budista, na meditação e na construção do indivíduo desde a primeira infância. Alexandre e Thifany são artistas que vivem há mais de uma década com um trabalho autoral balizado nos parâmetros do ECO e SLOW design. Produzem, contam causos, constroem histórias e recebem clientes, amigos, jornalistas e pesquisadores curiosos em seu ateliê situado no mesmo endereço⁴ desde 2007 em uma pacata rua de Curitiba. Os artistas têm uma visão interessante sobre a trajetória de suas produções, pois embora narrem a história a partir da abertura da loja física, afirmam que a exposição VIDAVIDEOGAME, apresentada em 2016 no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, começou assim que saíram dos úteros de suas mães. Inicialmente Thifany tinha outro emprego, mas acompanhava de perto a criação, administrava e injetava dinheiro no que Alexandre chama de “devaneios seus” e participava dos processos criativos, embora não dominasse técnicas de modelagem e costura, aptidão que desenvolveu com o tempo, até que a partir de 2010 também passou a se dedicar exclusivamente à marca. Por aproximadamente 10 anos a marca recebeu o nome de Heroína, um alter ego de Alexandre, que assinava as produções. Ao tentarem registrá-la, receberam a notícia de que não só o nome, mas também a logo, já haviam sido registrados por outra pessoa no ano de 2009, dois dias depois de terem sido capa de um jornal. Nem mesmo as 543 matérias publicadas sobre a dupla em mídia impressa foram suficientes para que a marca fosse restituída aos artistas. Embora o fato tenha trazido inúmeros problemas para a dupla, ambos concordam que essa mudança foi positiva em vários aspectos. O estresse e a depressão causada pela briga judicial fez com que eles

⁴ O ateliê e a loja dos artistas ficam na Rua Alameda Prudente de Moraes, número 445, Curitiba-PR.





abandonassem esse primeiro nome, batizando a marca com as letras H A L, a sigla já estava no site da dupla e tornou-se então, o nome, H_al. Foi a partir desse episódio que, quando forçadamente analisaram a trajetória de criação, passaram a se reconhecer definitivamente como uma dupla e perceberam que ter o nome de apenas um dos artistas na marca não fazia mesmo sentido. Foi no meio desse furacão que Alexandre, fã de Elza Soares, procurou amigos que pudessem de alguma maneira facilitar um encontro entre eles, pois tinha o sonho de vesti-la. Enquanto a dupla expunha em Antonina no ano de 2014 o vestido *Vagina*, peça integrante *d'A Coleção Que Discute a Camisa-de-Força*, apresentada em 2012 no Paraná Business Collection⁵, receberam a notícia de que Elza estava em Curitiba os esperando para um encontro.

Elza e o êxodo das rosas

Com a notícia do encontro arranjado, a dupla rapidamente comprou passagens de volta, passou no ateliê e pegou um vestido preto qualquer e um catálogo para apresentar o trabalho para Elza. Embora Elza, Alexandre e Thifany tenham se encontrado pela primeira vez no ano de 2014, para entender a relação existente entre eles foi preciso retroceder algumas décadas e acessar histórias de Elza Soares em um período em que os dois artistas sequer eram nascidos. Uma história de Elza que Alexandre conhece bem, a do encontro inusitado que a cantora teve com Lupicínio Rodrigues (1914 – 1974). Lupi foi um grande compositor brasileiro, autor da música *Se Acaso Você Chegasse*, sucesso na voz de Elza Soares, lançado no seu primeiro álbum no estilo sambalção no ano de 1960 pela gravadora Odeon (SOUZA, 2010). Elza começou sua carreira se apresentando em programas de calouros e as gravações possibilitaram o maior reconhecimento de sua voz interpretando sucessos na programação diária da rádio. Nelson Werneck Sodré (2003) aponta que em 1963, início da década que Elza lançou seu primeiro disco, o rádio estava presente em 95% dos domicílios cariocas e que até mesmo por razões financeiras esse número era três vezes

⁵Realizado pela FIEP (Federa o das Indústrias do Estado do Paraná), por meio do Conselho Setorial da Indústria do Vestuário e Têxtil do Paraná, e SEBRAE/PR (Serviço de Apoio  s Micro e Pequenas Empresas do Paraná) o Paraná Business Collection foi considerado um dos principais eventos do calendário brasileiro da moda (ABEOC, 2012).





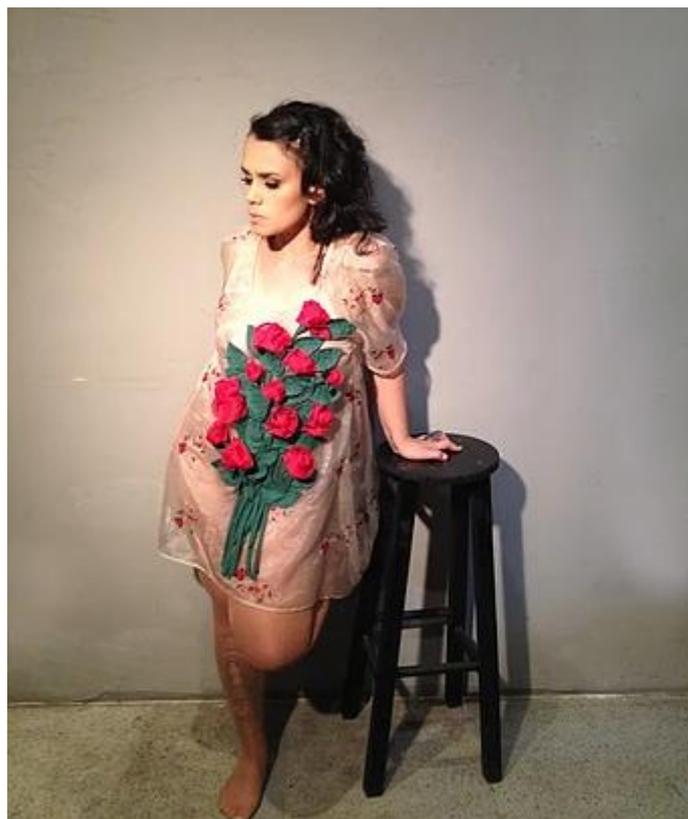
maior que o de televisores. O sucesso da primeira gravação fez com que Lupicínio procurasse por Elza na boate carioca Texas Bar, um dos muitos lugares que a cantora se apresentava. Na época Elza já era viúva de seu primeiro marido com quem se casou aos 13 anos de idade e mãe de quatro crianças, sendo que uma delas já havia morrido por falta de assistência médica. Abordada por um homem vestido de branco que ofereceu a ela “rosas para outra rosa”, prontamente rejeitou o que pensou ser mais um dos tantos galanteios que recebia: “Não gosto de rosas e não me chamo Rosa”. Precisava demonstrar seriedade com seu trabalho, não podia correr o risco de perder o emprego por estar conversando com qualquer pessoa. Mulher, negra e periférica trabalhando nas noites cariocas, Elza precisava se justificar não só para a própria família, mas para a sociedade conservadora e preconceituosa da época, profundamente mestiçada em suas crenças e costumes racistas silenciosos e invisíveis, mas sempre presentes, como explica Lilia Moritz Shawrcz (2012), que ao tratar raça como sendo uma construção social nos auxilia na análise das ambiguidades das relações cotidianas de brasileiras e brasileiros que vivem às sombras do mito da democracia racial. Contudo Elza precisava cantar, pois a música, nos discos, rádios, bares, boates, orquestras e eventos, era sua fonte de sustento.

Que seu nome não era Rosa isso era certo, mas Elza só admitiria sua paixão pelas flores mais tarde, ao desfazer o mal entendido com o compositor da música que deu à ela a possibilidade de criar seus filhos longe da miséria em que vivia antes de gravar seu primeiro disco. Elza e Lupi construíram uma amizade duradoura e as rosas que jamais saíram da memória da cantora, apareceriam anos mais tarde nas peças dos artistas curitibanos, Alexandre e Thifany. Com o encontro arranjado, a dupla apresentou o catálogo de uma exposição que haviam realizado recentemente junto do tal vestido preto que pegaram na loja assim que chegaram de Antonina. Thifany e Alexandre se recordam da reação entusiasmada da cantora ao se deparar com: “As rosas de Lupi!” que eram, na verdade, peças da coleção Êxodo Botânico, vestidas por Thifany (figura 1) no catálogo que selecionaram para mostrar a Elza. Nesse episódio é impossível não perceber como a roupa é, de fato, “capaz de carregar o corpo ausente, a memória” (STALLYBRASS, p.26, 2008), trazendo à tona lembranças de



um ente muito querido de Elza, detalhes do início da trajetória da cantora, além de atribuir novos significados às flores que a acompanharam durante toda sua carreira.

Figura 1 – Thifany vestindo *Êxodo Botânico*



Fonte: Acervo dos artistas

Êxodo Botânico é o 2º vértice do trabalho multimídia com sequência não linear sobre o tempo, com um recorte do processo da vida. Alexandre se recorda que pouco antes de *Êxodo*, a dupla estava trabalhando na exposição *À Margem e à Sombra* em outubro de 2012, exposição que discutia o espaço das plantas no cenário, precisando da sombra da árvore, assim como os próprios artistas precisam da sombra da indústria, do comércio. Dessa reflexão veio *Êxodo Botânico*, exposição realizada em julho de 2014, nela os artistas tiraram as plantas da natureza e as colocaram nas roupas, tiraram as



roupas da loja e as levaram para dentro da galeria, para dentro de casa, como uma brincadeira, um êxodo mesmo.

Ao se deparar com a imagem de Thifany em pé, descalça, encostada em uma banqueta alta, olhando para baixo na direção contrária de uma luz que brilha diretamente em seu semblante sério, Elza fez um pedido a Alexandre: “Vista-me de rosas”. E ele assim o fez. Em um processo de criação lento e trabalhoso, feito sem provas, somente com as medidas de Elza, Alexandre bordou mais de 200 rosas vermelhas de tamanhos diferentes em musseline, sobre um tule também vermelho. A peça era acompanhada por um forro de cor nude, que segundo os artistas chamava mais atenção que o próprio vestido, por isso, pediram que Elza a usasse sem o forro. Ao recordarem deste episódio os artistas discutem o próprio ato de vestir. Não fazem roupa para cobrir o corpo, mas para estar sobre ele, junto dele, como uma armadura. Elza não se opôs, como podemos ver no registro do espetáculo *Elza Canta e Chora Lupi* em Porto Alegre (figura 2), publicada pela revista Escotilha que entrevistou Alexandre na época. Nas rosas que ficaram na parte superior do vestido algumas miçangas vermelhas foram adicionadas. Uma das rosas permanece exposta na loja dos artistas. Bordada sobre o mesmo tule usado no vestido, o que foi um teste hoje mais se parece com uma obra de arte, uma relíquia que os artistas demonstram ter muito afeto. Dedicado exclusivamente à produção da peça, Alexandre bordou por aproximadamente 30 dias em um processo de criação fechado e sigiloso, somente Thifany, responsável pelas finanças de uma marca que praticamente parou sua produção por um mês, acompanhava e opinava sobre a hora de parar ou continuar, bordar mais rosas aqui ou acolá, fazer ajustes aqui, pôr mais miçangas ali, até que o presente estivesse completamente pronto, lembrando que os artistas sequer tinham certeza se Elza realmente vestiria o traje.



Figura 2 – Elza vestindo “as rosas de Lupi”



Fonte: Acervo dos artistas.

O traje foi entregue em mãos por Alexandre em uma das noites que Elza se apresentaria em Porto Alegre. Dessa vez foi o próprio Alexandre, lembrando-se do episódio de outrora, quem entregou as: “Rosas para outra rosa”, também foi ele mesmo quem a vestiu nesta noite para fazer os últimos ajustes nas mangas e na barra. Emocionada com as recordações e a beleza do vestido, interpretou no tom que cantaria mais tarde, a música *Vingança*, canção que havia sido a trilha sonora dos longos dias de trabalho de Alexandre.

A Mulher do Fim do Mundo

Realizado o sonho, os artistas voltaram ao trabalho diário no ateliê curitibano e meses mais tarde foram surpreendidos com um telefonema dos produtores de Elza, dessa vez os convidando para participar, a pedidos da própria cantora, da produção do figurino de um espetáculo maior, *A Mulher do Fim do Mundo*, com previsão de



lançamento ainda para o ano de 2015. O processo criativo foi completamente diferente do primeiro, dessa vez, os artistas possuíam um projeto previamente estabelecido, um *briefing*, e as informações eram trocadas em alguns encontros e por conversas telefônicas detalhadas. Elza pediu um macacão no estilo mulher gato, pegado ao corpo, havia também indicações de materiais a serem utilizados, como correntes, pneus ou sacos de lixo, e tudo isso se daria em um cenário pós-apocalíptico.

Em setembro de 2015 Elza ficou uma semana em cartaz em Curitiba, na Caixa Cultural, com o show *A Voz e a Máquina*. Nesses dias, Alexandre e Thifany fizeram várias provas, pelo menos sete, diferentemente do primeiro traje que só foi provado pela cantora no dia em que foi entregue e vestido no espetáculo. O tecido precisava ser viscoso para ter o efeito que Elza havia pedido, os primeiros testes descartaram a possibilidade de usar algo como um cirrê, pois um tecido assim mostraria marcas do corpo. Era preciso algo mais estruturado, mais firme, foi assim que a dupla encontrou um tecido sintético emborrachado na cor preta, capaz de ser modelado conforme o desejo de Elza. Nas primeiras provas, o tecido foi alfinetado diretamente no corpo da cantora e aos poucos tomava a forma desejada, como uma tatuagem, como uma escultura. No decote e nos punhos foi adicionado um detalhe de tule preto, Alexandre sugeriu para os ombros um par de chifres que foram modelados com massa adesiva de base epóxi. As correntes de metal que caíam de um dos braços foram usadas apenas nas primeiras apresentações, pois elas engatavam em coisas, isso acabou atrapalhando Elza, que preferiu tirá-las. É por isso que ao procurar registros do espetáculo na internet, as correntes nem sempre aparecem. Sobre as pernas foram colocadas longas tranças feitas de saco de lixo, mas essas vinham do cenário, Alexandre e Thifany não participaram dessa parte da produção. O espetáculo aconteceu, foi um sucesso (figura 3). Nas palavras de Alexandre: “Bingo! Loteria!” As apresentações foram muitas e o álbum foi amplamente aclamado⁶ pela crítica nacional e internacional. *A Mulher Do Fim Do*

⁶ “Melhor Álbum de 2015” pela APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte e pela revista Rolling Stones, que também elegeu a música Maria de Vila Matilde como a “Melhor Música de 2015”. O álbum também foi selecionado pelo Grammy Latino de 2016 como o melhor álbum de música popular brasileira.





Mundo em sua performance foi potente ao denunciar explorações históricas que invisibilizam e perpetuam desigualdades (LOPES, 2018).

Figura 3 – Registro do espetáculo *A Mulher do Fim do Mundo* no Circo Voador, Rio de Janeiro.



Fonte: Divulgação, 2015.

A trajetória artística da cantora já tinha mais de 60 anos quando teve o primeiro álbum de inéditas produzido especialmente para ela. Produtores, músicos, compositores, os artistas da H_al e a consagrada voz de Elza Soares retomaram, por meio de suas criações, assuntos que pareciam encerrados, ou esquecidos, como a própria carreira da cantora. Na música que deu nome ao álbum, *A Mulher do Fim do Mundo*, composta por Alice Coutinho e Romulo Froes, Elza interpreta um lamento emocionante, onde metaforiza cenas do carnaval. Embalada pelos acordes de um samba trágico, Elza questiona a invisibilidade de sua existência no rito carnavalesco, “onde o mito da democracia racial é atualizado com toda a sua força simbólica” (GONZALEZ, p. 228, 1984). A força dessa mulher do fim do mundo é mais uma vez retratada na música *Maria de Vila Matilde*, composição de Douglas Germano. A terceira canção do disco



discute a violência doméstica ao cantar a resposta de uma mulher endiabrada que expulsa de sua própria casa seu agressor. A premiada⁷ composição ainda presta um serviço de utilidade pública cantando já na primeira estrofe o telefone da Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência: “cadê meu celular eu vou ligar pro 180”.

Na música *Benedita*, composta por Celso Sim e Pepê Mata Machado, a resistência da transsexualidade é exposta numa narrativa que transita até mesmo no gênero da personagem para contar sua história de dor e luta. Um trocadilho no refrão se utiliza da homofonia das palavras crack e craque nas rimas, para mais uma vez apresentar a resistência desse ser que precisa ser craque para sobreviver em meio à destruição causada pelas drogas, pela perseguição e preconceito que sofre diariamente. As canções ainda abordam temas como a dor da narcodependência e até mesmo a crise da água, problemas do cotidiano apocalíptico de tantas mulheres.

O espetáculo ficou em cartaz até 2018 e o figurino feito ainda em 2015 não suportou as inúmeras apresentações. Problemas no zíper invisível fizeram com que o mesmo tivesse de ser trocado por um comum, além das costuras que se desfizeram devido ao uso excessivo. O tempo, elemento estético da performance (MEDEIROS 2005, p.165), fez com que um novo figurino tivesse de ser produzido pelos artistas, que dessa vez se deslocaram até o Rio de Janeiro para tirar medidas e realizar novas provas. O novo figurino só não era idêntico ao primeiro por que nessa segunda versão as correntes, que haviam atrapalhado Elza, não foram colocadas e o zíper invisível substituído pelo comum já na confecção.

A imagem, a voz e a trajetória de Elza Soares atuam em conjunto dando forma também ao conteúdo político da performance. Nas fotos oficiais tiradas por Doryan Dornelles, Elza aparece como uma Madonna despojada em seu trono, em um cenário inteiramente preto (figura 4). O fundo infinito, a poltrona em que está confortavelmente

⁷ Eleita a Canção do Ano no Prêmio Multishow 2016 (ROLLING STONES, 2016).





sentada, calça, blusa e botas de cano longo, todos os acessórios da musa, da esquerda para direita, de cima para baixo, tudo que há na imagem é da cor preta.

Figura 4: Ensaio de divulgação do álbum A Mulher do Fim do Mundo.



Fonte: Divulgação, 2015.

Ao observar as escolhas, pose, ângulo e olhares vemos retratada a resiliência dessa mulher pós-apocalíptica, aqui observamos o que bell Hooks (1992) declara ser a resistência à dominação, capaz de contrariar a supremacia branca que dita o que ou quem é ou não belo, o que deve ou não ser discutido, registrado ou mesmo musicado. No mesmo texto, Hooks (1992) sugere que atitudes revolucionárias sejam desenvolvidas para enxergar a “negritude”





e a “experiência negra” de uma maneira diferente, decolonial, para que as produções culturais possam ser utilizadas como verdadeiras ferramentas na luta antirracista.

Considerações Finais

Observar as pistas marcadas no traje, confecção, apresentação, registros e memórias, de forma atenta e contextualizada permitiu que observássemos significados acionados na performance de Elza Soares. No traje desenhado pela marca H_al, refletidos e refratados nas escolhas, nas histórias, nas músicas que fizeram espectadores refletirem sobre desigualdades violentamente veladas na sociedade brasileira, *A mulher do Fim do Mundo*, negra, pobre, periférica e apocalíptica implora para cantar até o fim. As características de Elza são exaltadas de forma que dialogam com o discurso presente nas músicas e melodias, na escolha dos materiais, ou do penteado no estilo *Black Power*. Entronizada, está essa mulher pós-apocalíptica, preta da cabeça aos pés, em meio ao lixo e a destruição. Literalmente se desfaz das correntes e usa sua voz e presença imponente para denunciar como é o fim do mundo no cotidiano de tantos seres marginalizados e/ou inferiorizados.

Em *A Mulher do Fim do Mundo* muitas foram as ferramentas utilizadas para celebrar a representação dessa mulher pós-apocalíptica em suas mais variadas formas e formatos. Aqui observamos como mecanismos de construção identitária estão presentes em toda performance, seja nas músicas, no cenário, nos registros, mas, em especial, no figurino ao encontrarmos nesse vestígio do espetáculo algumas das pistas nele e por ele marcadas.

Observando detalhadamente a produção e utilização do figurino, as escolhas, erros e acertos, o material utilizado e mesmo os detalhes dos acabamentos, pudemos acessar informações referentes aos significados que ele carrega em si, e como são construídos e transformados no decorrer do espetáculo sob a ação do tempo, que altera o contexto em que a peça se encontra, agregando novos usos, interpretações e significados, despertando outros sentidos naqueles que porventura acessarem algum



registro, ainda que este seja um obscuro reflexo do espetáculo. Ao tratar o traje como verdadeiro documento, encontramos nele indícios fundamentais para compreender como um repertório específico foi utilizado na construção de um resultado plástico capaz de potencializar os significados e a tensão de um mundo pós-apocalíptico.

Dessa forma, percebemos que a performance de Elza Soares no traje desenhado por Alexandre Linhares e Thifany Faria, artistas da marca H_al, atua como um contradiscurso, onde novas possibilidades de interpretação de suas identidades são criadas e transformadas constantemente. Uma atmosfera pós-apocalíptica utilizada para denunciar as contradições e desigualdades do cotidiano, faz refletir e sugere que o reconhecimento das diferenças como algo positivo pode ser uma alternativa para o fim das desigualdades que a própria Elza cantou e vivenciou ao longo de sua trajetória.

Referências

ABEOC. Associação Brasileira de empresas de eventos. **Paraná Business Collection ganha duas edições**. 29 mar. 2012. Disponível em: <<https://abeoc.org.br/2012/02/parana-business-collection-ganha-duas-edicoes/>> Acesso em: 15 mar. 2019.

ANDRADE, Rita. **Por debaixo dos panos**: cultura e materialidade de nossas roupas e tecidos. 2º Colóquio de Moda. 2006.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Biografia Lupicínio Rodrigues**. 17 abr. 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6600/lupicinio-rodrigues>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho "Temas e Problemas da População Negra no Brasil", IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 29 a 31 de Outubro de 1980.

HOOKS, bell. **Black looks**: race and representation. Boston: South End Press, 1992.

LOPES, João Carlos. **Elza Soares**: Vida e obra sob o olhar da fonoaudiologia. PUC São Paulo, 2018.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Aisthesis**: estética, comunicação e comunidades.





Chapecó: Argos, 2005.

ROLLING STONE, 2016. **Prêmio Multishow 2016**: Veja lista de vencedores. 26 nov. 2016. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/premio-multishow-2016-veja-lista-vencedores/>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2003.

SOUZA, Tárík de. **A bossa dançante do sambalço**. Revista USP, São Paulo, n.87, p. 28-39, setembro/novembro 2010.

REVISTA ESCOTILHA. **Elza vestida de rosas**. 15 de abril de 2016. Disponível em: <<http://www.aescotilha.com.br/colunas/fashionauta/elza-vestida-de-rosas/>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**. Cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Editora Autêntica, 2008.

VIANA, Fausto. **Traje de cena como documento**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

